

A Migração do Sul Global para o Norte Global por estilo de vida: individualismo, classe social e liberdade em uma cidade de ‘superdiversidade’

Daniel Robins

INTRODUÇÃO

Neste artigo, utilizo uma pesquisa qualitativa com brasileiros que moram em Londres para argumentar que há certos fluxos de migração do Sul Global para o Norte Global chamados “migração por estilo de vida”. Eu pretendo desafiar os Estudos que tendem a ver “a migração por motivos de estilo de vida ... como uma característica intrínseca (específica) da migração do Norte Global [enquanto] a migração do Sul Global ‘ainda é (implicitamente) genericamente mapeada como dependente de fatores de ‘empurrão’ e ‘puxão’ [minha tradução]” (Martins Junior, 2017, p. 52). O meu argumento – de que os brasileiros de classe média que migram para Londres são um exemplo de migração por estilo de vida – também destaca o ponto, elaborado por pesquisadores como Gay y Blasco (2010), de que o cosmopolitismo como “uma postura intelectual e estética de abertura para experiências culturais divergentes, uma busca por contrastes ao invés de conformidade [minha tradução]” (Hannerz, 1990, p. 239), não é somente para os cidadãos do Norte Global (Gay y Blasco, 2010). Embora as motivações econômicas ofusquem, até certo ponto, todas as decisões de migrar (Clark & Maas, 2015), uma característica compartilhada entre os migrantes brasileiros, em minha pesquisa, e “migrantes por estilo de vida”, na literatura, é uma negação explícita de uma motivação econômica para a decisão de migrar. Além disso, ambos os grupos compartilham uma perspectiva ideológica individualista. Eles podem negar uma identidade transnacional e, em vez disso, enquadrar sua migração em termos cosmopolitas como um exercício de “cidadania global”. Este distanciamento de uma identidade como um migrante brasileiro transnacional “típico” não deve, porém, ser tomado como dicotômico, porque a identidade do migrante é muitas vezes discursiva e multidimensional (Krzyzanowski & Wodak, 2008).

Na verdade, este artigo não pretende ser uma comparação binária direta entre os migrantes de classe média e migrantes “econômicos” de classe média baixa, mas, sim, examinar como a dicotomia entre “migrantes econômicos

transnacionais” e “migrantes por estilo de vida” opera no discurso de meus entrevistados. Isso é feito não apenas para mostrar que o termo “migrante por estilo de vida” é aplicável para certos fluxos migratórios do Brasil para Londres, mas também para examinar o significado de uma identificação com este termo (e a negação ou distanciamento resultante de outros termos). Estes posicionamentos levantam questões sobre o significado de identidade “brasileiro” em si, especialmente em termos de como tal identidade “se traduz” e é interpretada por outros no contexto do meio social de Londres. Esse discurso do distanciamento faz parte de um processo pelo qual os migrantes distinguem suas identidades, como indivíduos, de uma identidade coletiva que eles associam a seus compatriotas de classe média baixa “transnacional” e que também moram em Londres. Portanto, este artigo usa a classe social como uma lente através da qual explora a migração brasileira para Londres como um tipo de migração por estilo de vida.

A segunda seção explora o significado de classe social no Brasil e como as diferenças de classe são afetadas por mudanças no status social, após a migração. Em seguida, examina o conceito de “migração por estilo de vida” e a forma como ele se relaciona com o individualismo e status de classe que prioriza a “qualidade de vida” e o custo potencial de perda de “confortos materiais [minha tradução]” (Benson, 2011, p. 224). A terceira seção analisa algumas das principais literaturas de migração por estilo de vida com a literatura de migração brasileira. O objetivo é mostrar como a literatura apresenta as semelhanças nas motivações e no discurso entre migrantes por estilo de vida e migrantes brasileiros de classe média. Mostra que, em vez de acumulação financeira, “experiência”, “qualidade de vida” e, claro, “estilo de vida”, são temas persistentes no discurso dos dois grupos. Além disso, esses temas estão ligados a uma perspectiva ideológica muito individualista. Esta perspectiva é muitas vezes expressada como um desejo de “Liberdade” como um valor ideológico, um processo de individualização e uma tendência a se distanciar de uma identidade transnacional. Todas essas coisas são características definidoras desse tipo de migração. Essa prática de distanciamento fica mais complicada no contexto brasileiro de migração por causa da sua intersecção com disparidades raciais e étnicas no Brasil. Isso levanta a questão de quais aspectos do status social importam no “sucesso” de uma migração por estilo de vida, do Sul Global para o Norte Global.

A quarta seção usa as pesquisas empíricas para mostrar como temas como estilo de vida, individualismo, classe e raça aparecem no discurso dos imigrantes brasileiros que entrevistei. Individualismo e “Liberdade” (que se manifestou como anonimato e mobilidade) são os valores muitas vezes pelos quais os migrantes por estilo de vida medem seus sucessos. Por sua vez, a mobilidade assume muitas interpretações também. Além disso, essas interpretações são relacionadas a seus status como migrantes por estilo de vida. O objetivo final não é mostrar que os entrevistados brasileiros são únicos na maneira como descrevem suas experiências de migração. Pelo contrário, as semelhanças

entre os discursos deles e os discursos de outros grupos de migrantes de classe média evidenciam como temos que expandir nossa compreensão da migração por estilo de vida. Em outras palavras, deveríamos incluir certas instâncias de fluxos migratórios do Sul Global para o Norte Global na categoria “migração por estilo de vida”. Devemos considerar a classe social e a nacionalidade como modos de analisar fluxos migratórios. Essa pesquisa empírica também oferece uma oportunidade de explorar criticamente como as disparidades da raça, cultura e classe do Brasil operam no contexto de migração internacional. Contra o pano de fundo das diferenças de classe no Brasil e a preocupação pública com os “migrantes econômicos” no Reino Unido, levanta-se a questão de como podemos interpretar os migrantes brasileiros de classe média se distanciando da “comunidade” transnacional brasileira (Martins Junior, 2017).

2 OS SIGNIFICADOS CONTESTADOS DO TERMO “CLASSE MÉDIA” NO BRASIL

“Classe” e “classe média” têm um número diverso de significados que dependem do contexto e da perspectiva dos utilizadores destes termos (Gibson-Graham & Ruccio, 2001). No contexto da migração para Londres, os migrantes brasileiros são predominantemente oriundos das classes “B” e “C” (Dias, 2009). A classe “C” foi nomeada por Neri (2008, 2011) como “a nova classe média.” Esta é a classe média estatística, daqueles com um nível acima da renda média. Normalmente eles não conseguem morar em um distrito caro em uma cidade grande como São Paulo, que tem a infraestrutura e os níveis de segurança no mesmo patamar de uma cidade no Norte Global. Ainda assim, eles têm níveis de renda e poder de consumo suficientes para permitir-lhes serem definidos e se autodefinirem (McCallum, 1996; Neri, 2014) como ‘classe média’. Os membros da classe “B” são aqueles com renda e níveis de educação e estilos de vida que estariam mais próximos daqueles da que é considerada classe média, pelos padrões do Norte Global. Falando estatisticamente, eles são a classe média alta, mas muitas vezes se referem a si próprios como classe média, porque estão usando como um ponto de referência os padrões de países como o Reino Unido. Às vezes, eles são referidos como a “velha classe média” (Klein, Mitchell, & Junge, 2018). No entanto, dividir as categorias de classe por medidas “objetivas”, como a renda, conta apenas parte da história. Como Olwig (2007, p. 87) nos lembra, “a classe também é uma categoria cultural que diz respeito aos aspectos sociais, bem como econômicos, dos meios de subsistência considerados apropriados nas meias camadas da sociedade [minha tradução].”

Na verdade, com o estreitamento da economia e lacuna educacional entre esses dois grupos nos anos passados, os marcadores culturais e comportamentais das diferenças são mais fortemente enfatizados por alguns membros da classe “B”, a fim de preservar o que eles vêem como uma intrusão

em seus espaços sociais e econômicos (Klein et al., 2018). Como este artigo mostra, essa ênfase nas diferenças sociais e culturais assume maior importância no contexto da migração para Londres. Embora raramente seja explicitada, a ênfase nas diferenças pode ter conotações raciais também. As divisões de classe convergem regularmente com as divisões regionais e raciais no Brasil. Portanto, embora não seja sempre o caso, quando se fala de brasileiros de “classe média” que moram em Londres, é frequente (embora seja importante notar, nem sempre) fazer-se referência aos brasileiros das regiões mais ricas do sul e sudeste do Brasil e que são de ascendência predominantemente europeia. Os migrantes da classe “B” são normalmente documentados (geralmente via passaportes ancestrais da União Europeia). O segundo grupo, da “classe C” do Brasil, são muitas vezes “semidocumentados”. Tipicamente, eles chegam com vistos de turista ou de estudante e muitas vezes continuam a viver e trabalhar no país depois que esses vistos expiram. Esta divisão das classes é, muitas vezes, reforçada por uma divisão regional em que o primeiro grupo (B) geralmente vem dos estados do sul e do sudeste. O segundo grupo (C) geralmente vem dos estados centrais e do Nordeste.

3 MIGRAÇÃO POR ESTILO DE VIDA, MIGRAÇÃO PRIVILEGIADA E INDIVIDUALISMO

Como Della Pergola (1984, p. 312) escreve, “a migração livre tende a desenhar estratos sociais relativamente pequenos, selecionados e às vezes até elitistas [minha tradução]”. Embora a maioria dos migrantes internacionais para países desenvolvidos sejam das classes médias de seus países (Torresan, 2007), um tema comum é que os migrantes por estilo de vida, quando comparados com seus pares, tendem a ser ainda mais ricos. Benson e Reilly (2018, p. 609) definiram a migração por estilo de vida como “indivíduos relativamente ricos de todas as idades, que se mudam a tempo parcial ou a tempo inteiro para lugares que, por várias razões, significam, para o migrante, uma melhor qualidade de vida [minha tradução]”. O trabalho recente de Benson e Reilly (2018), no Panamá e na Malásia, concentra-se nessa área privilegiada de migrantes por estilo de vida. Eles revelam como os migrantes por estilo de vida para esses países reproduzem desigualdades históricas e estruturais, um tema que se espelha no caso da migração brasileira, mas, como veremos, com diferenças importantes. Numa linha similar, Kunz (2016) observa que “os expatriados”, um termo que compartilha alguma sobreposição com “migrante por estilo de vida”, muitas vezes são aqueles “privilegiados por cidadania, classe ou raça [minha tradução]” (p. 89). Portanto, ela escreve sobre a necessidade de “transformar a construção da própria categoria no objeto de análise [tradução]” (p.96). Para tanto, ela defende tratar o termo “expatriado” como uma categoria histórica da prática em oposição a uma categoria de análise (p. 89). Ela argumenta que essa

abordagem nos ajudará a pesquisar o termo, “ao mesmo tempo que resiste a uma compreensão reificada dele” (Kunz, 2016). Portanto, devemos implementar uma abordagem semelhante com o termo “migrante por estilo de vida”. Ao invés de comparar diretamente os “migrantes por estilo de vida” com os “migrantes econômicos”, seria mais produtivo analisar como uma identificação com o termo “migrante por estilo de vida” é operacionalizada como uma “categoria de prática”, por brasileiros de classe média. Isso é especialmente relevante porque, ao contrário da pesquisa da Kunz sobre expatriados, a necessidade entre muitos migrantes brasileiros de classe média de distinguir sua situação da dos “migrantes econômicos”, uma prática que Kunz mostra também ocorrer com frequência entre expatriados, assume uma dimensão diferente quando, para um observador externo, as diferenças entre aqueles que se mudaram por “razões econômicas” e aqueles que o fizeram por razões de “estilo de vida” não são sempre óbvias. Isso ocorre porque os brasileiros de Londres tendem a vir de uma seção transversal relativamente estreita da sociedade, com mais frequência das classes “B” e “C”. No entanto, no Brasil, a divisão entre esses dois grupos está ficando menor (Klein et al., 2018).

Além disso, como Kearney e Beserra (2004) observam, por causa da migração, “as fronteiras entre as identidades de classe são tipicamente obscurecidas ou mesmo inexistentes [minha tradução]” (p. 4). Isso é realçado pela observação de Margolis de que, embora muitos migrantes brasileiros de classe média podem se beneficiar de um “privilégio colonial” (Benson & Reilly 2018), este “privilégio” é temperado pelo fato de que eles são cidadãos de uma ex-colônia; não são migrantes para uma ex-colônia. Como Margolis (2013) escreve, são frequentemente tratados assim. Do outro lado, a distância entre os dois grupos é reduzida mais pela elevação do status social que os membros da classe “C” podem desfrutar quando migram para Londres. Ela explica:

O fato simples de morar na Inglaterra ... conota um status de classe média, independentemente do tipo de trabalho que os brasileiros fazem lá. Então, também, os brasileiros em Londres da classe média e outras – são vistos como parte de uma massa indiferenciada dos imigrantes da América Latina [minha tradução] (MARGOLIS, 2013, p.37).

Londres, portanto, tem o efeito de nivelar as distinções de classe que talvez sejam mais óbvias no Brasil. Este é especialmente o caso, considerando que os membros das classes B e C, muitas vezes, no início pelo menos, trabalham lado a lado nos mesmos empregos. Como Torresan (2007) observa, isso separa os brasileiros da classe média, que migram para Londres, daqueles que escolheram Portugal, que, muitas vezes, mantiveram um estilo de vida de classe média no destino e, portanto, não experimentaram qualquer tipo de queda em termos de mobilidade social. Enquanto os brasileiros em Portugal eram vistos como

“migrantes qualificados de classe média” (p. 108), aqueles que Torresan pesquisa em Londres manifestaram sua identidade de classe média quase exclusivamente através do status anterior no Brasil. Assim, em Portugal, o status dos brasileiros de classe média “contou com a intensiva troca de percepções e estereótipos entre a população hospedeira e os imigrantes”. Enquanto, em Londres, o status de classe média “foi reconhecido apenas por outros brasileiros” e normalmente isso é “invisível para a maioria dos ingleses”. Uma consequência dessa súbita confusão das fronteiras de classe em Londres é que os migrantes de uma posição de classe mais alta, muitas vezes, enfatizam a distinção entre eles e o grupo que eles veem como migrantes “econômicos” de classe baixa. Como Martins Junior (2014, p. 15) escreve, “a maior diferenciação ocorre entre os próprios brasileiros [minha tradução]”.

Pode parecer que os migrantes brasileiros, trabalhando em empregos idênticos, estão num grupo indiferenciado e homogêneo, mas devemos prestar atenção para as divisões dentro do que pode parecer de fora como uma unidade (Martins Junior, 2017). Como Stephens, Markus e Townsend (2007) observam, “embora para um observador, a ‘mesma’ ação pode parecer idêntica em contextos diferentes, o significado de uma determinada ação deriva das ideias, práticas e condições materiais do contexto em que essa ação ocorre [minha tradução]” (p. 827). Embora possa parecer que os migrantes brasileiros são todos motivados pelas mesmas preocupações econômicas e, muitas vezes, podem parecer iguais, em termos de emprego, os valores professados que impulsionam seus desejos de emprego costumam ser diferentes. Como Olwig (2007) nos lembra, “as narrativas dos migrantes não devem ser tratadas simplesmente como relatos factuais de movimentos ... para atingir objetivos bem definidos. Elas também são modos de contabilizar vidas dentro de estruturas sociais e culturais que dão significado e propósito às pessoas envolvidas [minha tradução]” (Olwig, 2007, p. 99).

4 MIGRAÇÃO, A IDEOLOGIA E O ESTILO DE VIDA

Hofstede (1980) descobriu que um corolário fundamental do surgimento de individualismo é afluência, pois ela leva à independência financeira e, portanto, permite a possibilidade de independência em relação à influência de grupos. No entanto, como Triandis (1995, p. 30) aponta, é nas classes médias que o individualismo é mais prevalente. Igarashi e Saito (2014) argumentam também que o cosmopolitismo individualista é, muitas vezes, ligado ao capital econômico, capital cultural e capital social. Esta conexão entre individualismo e o status da classe média tem sido frequentemente observada pelos pesquisadores da migração do estilo de vida (Eimermann, 2015; Korpela, 2014). A migração por estilo de vida também tem sido associada ao conceito de “migração ideológica” (Zaban, 2015, 2017). Se o problema é que toda migração é “ideológica”, então coloca-se a seguinte questão: por qual ideologia ela está

sendo motivada? O que queremos dizer quando nos referimos a migração como “econômica” em vez de “por estilo de vida”? Giddens (1991, p. 81) define “estilo de vida” como “um conjunto de práticas mais ou menos integrado que um indivíduo adota, não apenas porque tais práticas atendem às necessidades utilitárias, mas porque fornecem material para uma narrativa particular de auto-identidade [minha tradução]”. A implicação para estudos de migração, então, é que as pessoas podem se mudar por sofrerem uma experiência não apenas de “alienação material” (Portes & DeWind, 2004), mas também de “alienação social” (Dashefsky & Lazerwitz, 1983).

O papel da globalização para motivar a migração por estilo de vida (Benson & O’Reilly, 2009) é muito importante. ‘Mediascapes’ (Appadurai, 1996) têm o poder de não apenas oferecer àqueles no Sul Global imagens idealizadas da vida no Norte Global em termos materiais, mas idealizações imateriais também. Portanto, não se trata apenas de imaginar benefícios materiais que podem tornar os destinos de migração atraentes, mas os aspectos imateriais de “qualidade de vida” também. Na verdade, para alguns migrantes por estilo de vida, eles podem realizar uma redução no conforto material em troca de um aumento da “qualidade de vida” (Benson, 2011; Carling & Jolivet, 2016). É importante esclarecer que, estritamente em termos de estudos métricos econômicos, muitos dos que entrevistei tinham uma qualidade de vida material superior no Brasil, mas estavam dispostos a sacrificar isso pelo “estilo de vida” que experimentam em Londres. Isso se reflete nos resultados quantitativos de Carling e Jolivet (2016, p. 39) revelando que, em contraste com as outras nacionalidades que eles pesquisaram, o brasileiro “tendia a ficar mais satisfeito com o impacto da qualidade de vida da migração do que com o benefício financeiro [minha tradução].” Halfacree (2004) adverte contra a criação de um dualismo entre motivadores econômicos e não econômicos para a migração porque os fatores não econômicos geralmente são considerados como tendo uma importância secundária. No entanto, dificuldades econômicas não são uma motivação para os migrantes por estilo de vida. Torkington (2010) fez uma pesquisa sobre a migração por estilo de vida do norte da Europa para Portugal. Ela observa que “esse tipo de migração claramente não é motivado por dificuldades econômicas ou pela procura de trabalho ou alguma forma de segurança financeira” (Torkington, 2010, p. 102). Existem outras questões, então, sobre o papel do emprego em projetos de migração por estilo de vida. Claramente, existem muitos migrantes por estilo de vida que se mudam para Portugal para a aposentadoria e por isso ocupam um espaço diferente e um papel menos ativo na economia do país (Benson, 2012). Mas há muitos que se mudam bem antes da idade de aposentadoria e continuam a trabalhar depois de migrarem também. O trabalho de Benson menciona muitas empresas no campo na França que foram criadas e administradas por migrantes britânicos. Torkington escreve que esses migrantes por estilo de vida usam seus trabalhos como “um meio para um fim.” De acordo com Benson, o objetivo do projeto de migração

é frequentemente o de retornar a “uma vida que foi ‘perdida’ na Grã-Bretanha” (Benson, 2012, p. 1687). O emprego é apenas a forma pela qual eles conseguem isso. Este tema também é desenvolvido na literatura brasileira sobre migração. Torresan (2012) aponta que é a forma como o capital financeiro é gasto que revela as verdadeiras motivações por trás do desejo de ganhá-lo. Tal como uma de suas entrevistadas aborda essa questão, “quando você me pergunta se eu acho que sou um imigrante econômico, a ideia da migração econômica está diretamente relacionada ao meu ideal de vida [minha tradução]” (TORRESAN, 2012, p. 120). Torresan descreve este “ideal de vida” como uma “ideologia de classe média que inclui noções de individualismo, cidadania, modernidade e democracia audazes [minha tradução]” (TORRESAN, 2012, p. 117). Uma diferença fundamental, no caso da migração brasileira para Londres, é que está mais perto de um ideal de vida “imaginado” do que de um ideal de “vida perdida”.

5 INDIVIDUALISMO: LIBERDADE E ANONIMATO

Um dos aspectos mais salientes da migração por estilo de vida é caracterizado, portanto, por uma ideologia muito individualista. Este individualismo frequentemente se manifesta como uma ênfase na liberdade individual. O’Reilly (2014) identifica os imaginários que moldam a migração por estilo de vida, como a busca por autorrealização, por fuga e liberdade dos problemas anteriores (O’REILLY, 2014, p. 220). Porém, há uma forma fundamental que distingue os migrantes brasileiros de classe média daqueles da literatura sobre migração por estilo de vida. Ao contrário da maioria das formas de migração por estilo de vida, que tendem a ser do meio urbano para o rural (Benson & O’Reilly, 2009), a deles é do urbano para o urbano. Embora o ideal de liberdade seja pertinente, o caminho que eles vislumbram relaciona-se com a liberdade particular que a migração para uma “cidade global” (Sassen, 1991) pode fornecer, o que os torna mais semelhantes aos migrantes mencionados no trabalho elaborado por Griffiths e Maile (2014) sobre os migrantes britânicos por estilo de vida para Berlim. Eles explicam que um entrevistado, ‘Andy’, sentiu que “A história de Berlim e a reputação de uma cidade ‘rebelde’ representavam a liberdade e a capacidade de ‘ser quem você é [minha tradução]” (GRIFFITHS; MAILE, 2014, p. 150). Mas, talvez a investigação mais completa sobre o conceito de liberdade como um valor ideológico entre os migrantes por estilo de vida venha do estudo de Korpela (2014) sobre os ocidentais que moram na Índia. Korpela descobriu que muitos dos seus entrevistados articularam os seus projetos de migração sob uma perspectiva radicalmente individualista, centrada nas noções de “autorrealização” e “na liberdade de escolha”, sendo “o objetivo da migração por estilo de vida a felicidade e satisfação individual” (KORPELA, 2014, p. 41), e “melhorar o desempenho de cada vida pessoal, e não as condições na sociedade em geral [minha tradução]” (KORPELA, 2014, p. 34). Relacionada com

a liberdade encontra-se a experiência do anonimato, ou melhor, a liberdade no anonimato. Como Conradson e Latham (2007) observam nas suas pesquisas sobre migração por estilo de vida da Nova Zelândia para Londres, “misturando-se”, o anonimato em Londres faz parte da maneira como os entrevistados articularam as “possibilidades afetivas” de liberdade que Londres oferece. Este não é um fenômeno novo. Florida (2012) escreve que, já na década de 1920, Carolyn Ware havia observado que os residentes de Greenwich Village de Nova York vinham porque “procuravam escapar da sua comunidade, das suas famílias ou de si mesmos [minha tradução].” Eles eram “intensamente individualistas em suas relações sociais e quanto ao ponto de vista deles.” Eles tinham desdém pelo “hábito de se juntar” e, em vez disso, aproveitavam “todas as vantagens da seletividade e do anonimato que a cidade oferece.” Em vez de uma vida tradicional, “eles mantiveram relações individuais com amigos espalhados por toda a cidade” (WARE, 1935, pp. 5, 37, visto em Florida, 2012, p. 200).

Florida descreve esta dependência de laços individuais fracos, em vez de uma rede social forte e interdependente, como a liberdade do anonimato, e afirma que muitos viram isso como um motivador para migrar para cidades grandes. Florida imaginou isso como uma característica do que ele chamou de “classe criativa”. O que torna os migrantes por estilo de vida notáveis é que eles exibem valores semelhantes, apesar de não terem nenhum envolvimento necessário com trabalhos criativos. No caso de muitos migrantes brasileiros em Londres, embora eles normalmente trabalhem em empregos do setor de serviços (pelo menos no início), os fatores que influenciam a sua decisão de migrar encontram-se muitas vezes mais próximos daqueles da “classe criativa” de Florida. É como se os valores da “classe criativa” fossem agora internalizados de uma forma mais ampla. Seguindo as observações de Ware (1935), o desejo de liberdade também pode ser lido como liberdade da identidade coletiva, o desejo de mobilidade da identidade através da individualização. Para muitos migrantes por estilo de vida, este pode fazer parte de uma estratégia de se distinguir da situação dos seus compatriotas. O trabalho de Benson sobre migrantes por estilo de vida britânicos na França fornece um bom exemplo de individualização no trabalho, dentro do discurso dos migrantes. Ela escreve que os seus entrevistados “expressaram tentativas de distingui-los dos outros, enfatizando que suas novas vidas foram significativamente diferentes dos compatriotas deles [minha tradução]” (BENSON, 2009, p. 122). Um dos seus entrevistados explica:

Aqui, todos gostamos de fingir que somos as únicas pessoas inglesas; todos nós gostamos de dizer: “Espero que a invasão britânica pare em breve. Eu certamente não gostaria de viver nas áreas que ouvi falar na Dordonha, por exemplo ... é como uma colônia britânica” [minha tradução] (BENSON, 2009, p. 121).

Para muitos migrantes britânicos na França, são os migrantes britânicos na Espanha que servem como o “Outro” de quem distinguem a sua própria situação e práticas como migrantes. Benson explica que há um elemento de elitismo de classe na maneira como os migrantes britânicos na França se referem aos seus homólogos espanhóis: “Muitos dos migrantes também enfatizam como foi fácil migrar para Espanha e quão pouco esforço foi feito para os recém-chegados para estabelecer suas vidas ali” (Benson, 2012, p. 124).

De forma mais geral, os migrantes por estilo de vida muitas vezes desejam distanciar-se dos “turistas” (Benson & O’Reilly, 2009). E aqui também podemos encontrar paralelos na literatura mais ampla sobre os migrantes brasileiros, muitos dos quais desejam distinguir-se “daqueles outros brasileiros” que não se misturam com a sociedade “anfitriã” (Horst, Pereira e Sheringham, 2016 p.102). Muitos dos entrevistados de Horst *et al.* (2016) enfatizaram o papel que suas classes sociais desempenhou em seus projetos de migração e viram uma divisão de classe entre eles e seus colegas. Assim, no caso de ambos os grupos, procuram distinguir-se dos “outros brasileiros” ou dos “outros ingleses expatriados”, os quais, insistem, não têm nenhuma relação com sua atitude em seu projeto migratório e em suas práticas e experiências como migrantes.

6 IDENTIFICAÇÃO COM ‘CIDADANIA GLOBAL’ E UMA DISTÂNCIA DO OUTRO ‘TRANSNACIONAL’

Korpela (2014, p. 34) observa que “os migrantes por estilo de vida parecem ser um perfeito exemplo empírico sobre os quais os sociólogos que estudam o individualismo têm teorizado”. Não é surpreendente que a “cidadania global” (Heater, 2004) apareça no discurso dos migrantes por estilo de vida, desenraizados como estão, literalmente e em termos de autoidentificação, da cultura em que nasceram. Na verdade, Williams, Jephcote, Janta e Li (2018) encontraram evidências de que aqueles que se identificam como um “cidadão global” têm mais probabilidade de migrar do que seus compatriotas. O que desejo extrair é como uma identidade de “cidadão global” é frequentemente usada por migrantes por estilo de vida para contrastar sua situação com a de uma “identidade transnacional”. Aqui, “cidadania global” pode ser vinculada a uma postura individualista e cosmopolita em relação a formas de identidade coletiva com base na nacionalidade. Bookchin conecta o conceito a habitantes da *Cosmópolis* (a antiga “cidade global”) e o contrasta com os cidadãos da *Pólis* (a cidade-estado tradicional; Bookchin, 1982, p. 157). Ainda assim, como Igarashi e Saito (2014) nos lembram, o cosmopolitanismo é muitas vezes vinculado à posse de capital econômico, bem como de tipos específicos de capitais culturais e sociais. Ao contrário dos migrantes brasileiros semidocumentados (Dias, 2009), o privilégio de possuir um passaporte da UE, por exemplo, permite que muitos brasileiros criem uma identidade cosmopolita em termos de “cidadania global”, de uma forma

que não está disponível para aqueles que não a possuem. Isso se alinha com a observação anterior de Kunz (2016) de que “cidadania” pode ser um capacitador importante de formas privilegiadas de migração.

7 BRASILEIROS EM LONDRES

Em termos de lacunas de pesquisa, como observado, tem havido uma falta de atenção aos fluxos migratórios privilegiados do Sul Global para o Norte Global. Além disso, dentro desses fluxos, o trabalho que o “migrante por estilo de vida” faz como uma “categoria de prática” (Kunz, 2016) também foi negligenciado. Faltou pesquisar, especialmente, como a adoção de determinados termos (e sua identificação com eles), por parte do migrante, reflete várias formas de desigualdade social, racial e regional no Brasil, e como essas desigualdades são reinterpretadas fora do país. Para isso, esta seção baseia-se em meu trabalho empírico qualitativo com migrantes brasileiros de classe média para argumentar que muitos deles deveriam ser classificados como um exemplo de migração por estilo de vida “do Sul para o Norte”. Por sua vez, é uma oportunidade para explorar as questões subjacentes de raça e identidade que cercam a migração por estilo de vida no contexto das identidades de região, raça e classe. A seção examina como, em comum com os migrantes por estilo de vida, conforme caracterizado na literatura, a liberdade por meio de anonimato (Conradson & Latham, 2007; Florida, 2012) e mobilidade (Benson, 2011) são valores centrais. Como a evidência quantitativa também sugere (Carling & Jolivet, 2016; Evans *et al.*, 2011; Evans *et al.*, 2015), há um número considerável de migrantes brasileiros, no Reino Unido, que não retratam suas motivações para migrar em termos econômicos (ver também Martins Junior & Dias, 2013). Na verdade, muitos dos meus entrevistados vieram de camadas econômicas privilegiadas, no Brasil. Seus desejos de migrar para Londres não eram, eles afirmaram, motivados por melhores perspectivas de emprego e, da mesma forma, pelo trabalho que realizaram, especialmente nos primeiros anos de seu projeto de migração, que sempre foi visto como um “meio para um fim”, o fim geralmente sendo experimentar o estilo de vida que Londres tinha a oferecer, em vez de ganhar dinheiro. Quando inquiridos sobre as motivações para suas migrações, atração por Londres, e o desejo de morar e trabalhar lá, o tema mais saliente que emergiu do seu discurso foi um desejo de liberdade, que eles interpretaram de duas maneiras principais. O primeiro foi a liberdade como a sensação de anonimato que a vida numa nova cidade pode gerar (Conradson & Latham, 2007; Flórida, 2012). O segundo foi a liberdade como mobilidade: tanto como liberdade de movimento quanto como liberdade ou mobilidade da identidade coletiva (Benson, 2011; Ware, 1935). No entanto, ao mesmo tempo, embora haja diferenças de classe, “deve-se ter cuidado para não exagerar essas diferenças e dar a impressão de que existem dois tipos totalmente diferentes de migrantes [minha tradução]” (OLWIG, 2007, p.89).

A ênfase na diferença no discurso dos entrevistados pode ser lida como, em parte, uma reação ao fato de que muitos podem ocupar uma posição precária entre as duas categorias de migrantes, “por estilo de vida” e “econômicos”. Em vez de tentar dividi-los em categorias simples dos migrantes econômicos e não econômicos, pode ser mais produtivo investigar o espaço liminar entre estas duas categorias e questionar o que se entende por “econômico” e “por estilo de vida” e como essas categorias são operacionalizadas pelos entrevistados, a fim de preservar e recriar a separação das classes.

8 METODOLOGIA

Meus dados são retirados de um total de 33 entrevistas qualitativas em profundidade, realizadas em Londres e conduzidas em inglês ou português, entre abril e setembro de 2017. Algumas pessoas participantes da pesquisa foram entrevistadas por duas vezes. Usei a segunda entrevista para fornecer feedback e coletar mais detalhes sobre suas respostas na primeira entrevista. Embora os números exatos sejam difíceis de obter, a população brasileira no Reino Unido é estimada em 250.000, com a maioria residindo em Londres (Evans *et al.*, 2015). Este foi o motivo para escolher Londres como o local da pesquisa. As idades variaram de 24 a 59 anos, com uma média de 37 anos. Os entrevistados são oriundos, principalmente, do sul e sudeste do Brasil. São Paulo é o estado mais comum de origem, e a maioria era de classe média (Classe B) no Brasil, considerando que pelo menos um dos pais teve uma profissão qualificada e a maioria cursou a universidade. Apesar de a maioria dos meus entrevistados serem de famílias relativamente privilegiadas, alguns podem ser considerados da classe “C” (Neri, 2014) (embora apenas um, “Bernardo”, apareça nesta seção empírica). Mais uma vez, este artigo não se destina a comparar diretamente esses dois grupos como um tipo de dicotomia. Na verdade, como muitas dicotomias, há casos que não se encaixam facilmente, e a realidade é sempre mais complexa. Em vez disso, este artigo usa essa dicotomia, já que aparece no discurso dos entrevistados, para examinar questões com uma dimensão social mais ampla. Os entrevistados trabalharam numa ampla variedade de ocupações de não qualificados (faxineiro) a qualificados (dentista). As ocupações mais comuns estavam em setores como eventos. Muitos eram residentes de longa data em Londres e haviam subido na escala em termos de status de emprego. Outros eram recém-chegados que haviam conseguido se transferir horizontalmente de seus trabalhos no Brasil para um emprego equivalente em Londres ou que começaram num trabalho não qualificado antes de progredir. Também havia entrevistados que residiam há mais tempo na cidade e que não conseguiram progredir no emprego e ainda trabalhavam em empregos não qualificados ou semiquilificados. Os entrevistados foram recrutados por meio de amostragem “bola de neve” (Margolis, 2009): um método que se apoia em pessoas já entrevistadas para recomendar outras a

participarem da pesquisa. Os primeiros entrevistados foram recrutados por meio de mídia social, redes sociais e “recrutamento no local” (Krueger & Casey, 2008) em uma escola de línguas no centro de Londres. A escola de línguas provou ser um local útil para encontrar recém-chegados porque aprender inglês é frequentemente priorizado e usado como principal motivação para a migração (Evans *et al.*, 2015). No total, três recém-chegados da escola foram entrevistados, e mais três pessoas foram encontradas através deles. A maioria dos entrevistados viveram em Londres no longo prazo. Muito poucos foram receptivos à ideia de um dia voltarem a morar no Brasil, independentemente de quanto tempo eles tinham passado em Londres.

9 INDIVIDUALISMO, LIBERDADE E ANONIMATO

A liberdade individualista como anonimato foi motivada pelo fato de que eles foram literalmente removidos espacial e psicologicamente de laços e responsabilidades associadas com sua família no Brasil. Pode haver efeitos restritivos em viver como um conhecido e pessoa interdependente conectada dentro de uma comunidade estabelecida (Prado, 1995). Este tema de liberdade como fuga da restrição é aquele que figurou no discurso de muitos entrevistados. Veja “Ariana”, professora de ioga, da Bahia. “Ariana” veio de uma família de classe média e, no momento de sua decisão de migrar, ela também era bastante rica devido ao seu trabalho anterior no Brasil como promotora de música:

Entrevistador: O que você gostou em Londres que te fez decidir ficar?

Ariana: “Em primeiro lugar eu estava mais ou menos sozinha ... estava sem família pela primeira vez, então isso foi ótimo, a sensação de liberdade. Eu gosto de me sentir livre... eu senti que estava mais livre por me sentir como independente”.

Um outro entrevistado, “Alessandro”, de Mato Grosso do Sul, descreveu a sensação de liberdade por meio do anonimato, assim:

“Eu acho que tudo é permitido e isso é a coisa boa sobre Londres, você é meio invisível, sabe? Isso não importa com qual roupa você veste, não importa se você tem dinheiro ou um carro. Realmente não é importante”.

“Vitor”, do Rio Grande do Sul, não só ilustra a importância da liberdade no discurso dos entrevistados, mas também é um bom exemplo de quantos entrevistados experimentaram uma redução no nível da qualidade de vida em termos materiais, em troca da “liberdade” como eles a imaginavam. No Brasil, Vitor foi nomeado diretor de uma regional de negócios da sua família. Apesar da riqueza e independência de que gozava como resultado, ele decidiu se mudar para Londres “como uma espécie de aventura” e passou os anos seguintes

trabalhando como um garçom de bar. Seus motivos para querer morar em Londres foram exclusivamente vinculados a valores individualistas baseados em liberdade e anonimato. Ele resumiu sua atitude assim: “Eu amo Londres ... É uma cultura completamente diferente do Brasil. Como as pessoas realmente não se importam com o que você tem. Esse é o meu sentimento. Talvez eu esteja errado, mas eu sinto que aqui, as pessoas não se preocupam com quem você é. No Brasil, se você tem um bom carro, uma casa ou roupas caras, faz uma grande diferença em como eles vão tratá-lo, mas eu não sinto isso aqui. De brincadeira, já que apostei com meu amigo, vou ir trabalhar de pijama. E eu o fiz. E ninguém se importou! Eu estava no metrô de pijama e ele estava filmando “oh olha, Vitor está de pijama indo para o seu trabalho” e eu fiz isso intencionalmente para provar que ninguém se importa. E isso para mim ... eu estava procurando minha liberdade quando me mudei de Porto Alegre para São Paulo. Bem, eu tenho que dizer que encontrei a liberdade aqui”.

Vale ressaltar que essa ideia de não ser julgado como pessoa conhecida, mas, sim, tratado como um indivíduo livre (DaMatta, 1991) é em grande parte imaginada no sentido de que é dependente da perspectiva subjetiva de migrante por estilo de vida e sua falta de laços sociais (ou uso de “laços fracos”, como a Florida os chama). Um discurso semelhante pode ser encontrado na literatura de migração por estilo de vida. Por exemplo, Oliver (2007) descreve como muitos dos seus entrevistados, migrantes britânicos na Espanha, expressaram um sentimento semelhante. Um migrante explica suas razões para deixar a Inglaterra: “Eu me cansei da rotina ... todas as pessoas falavam sobre o quanto eles tinham, que carros eles dirigem. Considerando que aqui ninguém se importa. Ninguém dá a mínima para quem você é ... Você pode ter cinquenta milhões de pesetas ou nada” (Oliver, 2007, p. 132).

Na verdade, é difícil dizer que Londres ou Espanha sejam menos materialistas ou superficiais do que os locais de origem desses migrantes. Em vez disso, o que parece ter mudado é a relação imaginária do migrante com o espaço em que agora vivem.

10 ANONIMATO INTERROMPIDO

Embora uma sensação (imaginária) de anonimato (e uma sensação de integração) tenha sido frequentemente citada como uma atração principal para morar em Londres, houve momentos em que isso seria interrompido por outras pessoas que os percebiam como “brasileiros”. Às vezes, isso foi transmitido de forma negativa. Ariana, observou: “Mas também tínhamos vida antes de vir para cá, tínhamos formação universitária, boa educação, não somos da selva, e as pessoas nos tratam como se tivéssemos saído de uma favela”.

Uma entrevistada, Tara, 28, de São Paulo, que estava desempregada, sentiu que sua condição de “imigrante” a impedia de encontrar um trabalho equivalente ao da sua profissão anterior: “Enviei meu currículo para tantos lugares. Apenas uma resposta ... eu estou começando a ter a sensação de que nunca vou conseguir um emprego adequado aqui. Sou vista como uma imigrante que só pode trabalhar em um café ou recepção. Eu não sou boa o suficiente para fazer nada mais”.

Outros relataram encontros em que estereótipos de um outro “exótico” seriam projetados sobre eles. Júlia, 30, de São Paulo, que tinha sido uma das poucas pessoas que afirmaram ter migrado por motivos econômicos, e que trabalhou como garçomete em um restaurante na City de Londres, descreveu como os clientes costumavam reagir a ela:

Eles costumam perguntar de onde eu sou e toda vez que eu digo a eles que eu sou brasileira eles costumam dançar um pouco com suas mãos e dizer, “oooh Brasil!” É tão bobo.

Outro entrevistado, Fred, de Minas Gerais, que trabalhou como consultor de pesquisa, descreveu os encontros dele: “a primeira reação de muitas pessoas é algo ao longo das linhas de “Uau, eu nunca teria imaginado. Seu inglês é tão bom.” Muitas vezes eles têm essa reação. Quer dizer, inicialmente, eu costumava interpretar isso como, “Sério? Eu não posso ser brasileiro porque falo inglês bem?” Neste ponto, não me importa, porque eu entendo o que eles querem dizer ... eles ficam tipo, “Oh, uau. Isso é tão exótico. Isso é tão legal. Você é tão diferente e tal”.

Entrevistador: Portanto, geralmente é bastante positivo?

Fred: “Não, sim. É positivo. Como posso dizer? Isso é tipo como eles me tratam como uma figura exótica, mas não é tanto em um sentido negativo. Há muito mais uma espécie de curiosidade por trás disso. Não é como, “Meu Deus, você é diferente de mim. Vai embora.” Tem mais a ver com: “Nossa, você é diferente de mim. Me diga mais.”.

Os comentários de Fred mostram que este processo do “outro” pode funcionar de muitas formas e, de fato, foram relatadas muitas experiências positivas. Margolis (1994) observou que os brasileiros geralmente têm uma boa reputação no exterior e, em Londres, isso não é exceção. Bernardo, 38, um personal trainer mineiro, afirmou: “Eu nunca tive problemas com eles por eu ser brasileiro. Na verdade, quando eles percebiam que eu era brasileiro eles ficavam felizes em dizer “oh legal, você é brasileiro!”

Independentemente de saber se os estereótipos que os brasileiros encontram em Londres são considerados positivos ou negativos, estes persistem e podem assim interromper a sensação de anonimato que Londres pode criar. Esses tipos de encontros talvez ajudem a revelar por que tantos brasileiros acham que é

importante diferenciar suas motivações e experiências daquelas do “migrante brasileiro típico”. Como as citações acima revelam, muitas vezes se deparam com um estereótipo do Brasil como um lugar “exótico” e subdesenvolvido. Considerando esses tipos de estereótipos, talvez seja compreensível porque tantos usam um discurso de mobilidade de identidade, que os diferencia do “típico transnacional” brasileiro como “o outro”.

11 INDIVIDUALISMO, LIBERDADE E MOBILIDADE: INDIVIDUALIZAÇÃO E A ‘CIDADANIA GLOBAL’

Esta seção irá discutir a importância da mobilidade, particularmente a mobilidade de identidade e as formas como ela é articulada. Para os migrantes entrevistados, mobilidade ou liberdade de movimento é realizada como um valor ideológico. Este tipo de mobilidade é muitas vezes articulado, em termos pós-nacionalistas, como “cidadania global”. Muitas vezes, é dependente da classe social e, mais especificamente, do capital educacional, financeiro e simbólico, e construído através de um processo de individualização. Os migrantes descrevem suas experiências em termos da descoberta e autorrealização. De acordo com a observação de Korpela (2014), muitos dos seus entrevistados se descreveriam como “cidadãos do mundo” ou “cidadãos globais”, uma característica que parece ser comum entre muitos jovens de classe média, independentemente da nacionalidade. “Tissi”, 36, de São Paulo que trabalhou como gerente de *catering* e foi residente de longa data em Londres, descreveu sua motivação para migrar assim: “Mas o mais importante para mim em termos de liberdade é apenas ser independente e não depender dos pais ou do marido, ou chefe porque também sou autônoma, mas também sou uma cidadã do mundo... Como imigrante, a liberdade é a mais importante para mim e sempre tento conquistar meu espaço no mundo porque eu quero ser uma cidadã do mundo. Eu quero estar em qualquer lugar. Onde eu quiser”.

Talvez isso seja mais bem expresso por “Franco”, um cozinheiro-chefe mineiro, que também era residente de longa duração. Ele declarou: “Nunca me senti como se fosse brasileiro. Não sou de lugar nenhum, sou um nômade.” Outro entrevistado, “Caio”, que havia saído do Brasil pela primeira vez havia mais de 20 anos, descreve a relação do seu parentesco com sua identidade brasileira: “Acho que o meu sangue, na verdade, é muito europeu. Eu não tenho sangue brasileiro. Minha família é italiana de um lado, e do outro lado é meio portuguesa... Misturado um pouco com brasileiro e... Minha tataravó... Para lá da tataravó... Era índia”.

Entrevistador: Então você não se sente brasileiro?

Caio: perdido, eu fico fora de casa... Não me adapto muito à cultura brasileira.

Aqui, a mobilidade assume dois sentidos. Primeiro, é a mobilidade de quem está habilitado por acesso ao capital econômico, social e cultural. Por exemplo, eles são capazes de obter um passaporte ancestral da UE e, portanto, cruzar fronteiras com muito mais facilidade do que os brasileiros que devem primeiro obter vistos. A posse de passaporte europeu ajuda Caio a se identificar como “europeu”, capaz de cruzar as fronteiras nacionais e construir uma identidade mais cosmopolita. Em segundo lugar, está o conceito de que esta liberdade de movimento está ligada a – e talvez até permita – uma maior mobilidade em termos de uma relação com a identidade nacional, o que poderia explicar por que é importante para Caio se sentir “europeu” em oposição a “brasileiro”. Como vimos, muitos brasileiros enfrentam uma tensão entre uma identidade individual e uma identidade coletiva como “migrante brasileiro”. O fato de um alinhamento com uma visão ideológica individualista ter o potencial de ser interrompido por estereótipos projetados de “migrantes brasileiros” que são tipicamente imaginados pela corrente dominante como “exóticos”, torna ainda mais importante criar uma identidade como um indivíduo, como um “cidadão global” livre que, nas palavras de Franco, não vem de “lugar nenhum”.

Talvez não seja nenhuma surpresa então que a forma-chave como essa identidade individualista e cosmopolita é articulada seja por meio de comparações, normalmente desfavoráveis, com aqueles “outros brasileiros” que, afirmam, haviam se mudado para Londres somente em busca de dinheiro e só usaram redes brasileiras transnacionais para trabalho, habitação e lazer. Essa divisão enfatizada entre essas duas classes de brasileiros migrantes é similar à observação de Cohen, Duncan e Thulemark (2015, p. 157) de que “questões de exclusão social e classe ainda têm poder” no tópico da migração por estilo de vida porque um diferenciador é que esses migrantes de classe média baixa normalmente não têm o privilégio de serem capazes de obter um passaporte ancestral da UE e, muitas vezes, viverão e trabalharão sem documentos ou “semidocumentados” em vez disso. Meus entrevistados frequentemente se esforçavam para sublinhar que eles não se enquadravam nesta categoria. Por exemplo, “Leandro,” de quarenta anos, de São Paulo. Quando ele chegou, trabalhou em um café, mas rapidamente progrediu na escala social e, no momento da entrevista, havia se mudado recentemente para a Suíça, onde trabalhou como analista. Ele falou assim:

Entrevistador: Por que você escolheu Londres?

Leandro: “Só para diferenciar o tipo de imigração. A maioria das pessoas que conheci no início ... percebi que as razões pelas quais elas partiram foram basicamente as mesmas, razões econômicas. As minhas não eram puramente econômicas, eu estava farto de estar no mesmo lugar, nada a ver com dinheiro ...A maioria das pessoas que conheci quando cheguei queriam trabalhar em Londres, economizar dinheiro e voltar. Eu não tive essa intenção. Meu objetivo não era ganhar dinheiro, mas talvez aprender”.

Muitos entrevistados estavam depreciando esses “outros brasileiros”. Como diz o paulista “Gilberto”: “Quero dizer, todos são livres para fazer o que quiserem, mas em minha opinião, você sente muita falta. Se você ficar apenas fechado em sua pequena comunidade, você não aprende, você não interage e perde muitas oportunidades... não é o ideal, é? ... eu não vejo isso com bons olhos para ser honesto. Essa coisa”.

Meus entrevistados viram esses aspectos “superdiversos” de Londres como motivadores para migrar em vez de uma ameaça ou obstáculo. Em vez de recuar para uma identidade transnacional, eles exibiram uma atitude mais cosmopolita em seu desejo de “desconhecidos encontros culturais” (Ley, 2004). Existem boas evidências para sugerir que muitos migrantes brasileiros se sentem assim em relação à migração para um centro cultural da “superdiversidade” (Vertovec, 2007). Os achados quantitativos de Evans *et al.* (2015) demonstram que existem números consideráveis para os quais é necessário um enquadramento mais individualista de suas experiências de migração. Embora as redes sociais possam, muitas vezes, ajudar os migrantes que encontram um emprego inicial (Evans et al., 2015, p. 29), muitos entrevistados em sua pesquisa afirmaram que não era importante para eles relacionar-se com os brasileiros (46%), e que muitos evitam relacionar-se com brasileiros (34%). Da mesma forma, quando questionados sobre seu lazer e atividades, a maioria escolheu locais não brasileiros e consumiu mídia não brasileira. Como um dos meus entrevistados explicou, quando questionado sobre sua atitude em relação à cultura transnacional brasileira que existia em Londres: “Pra ser honesto, todos os brasileiros que eu conheço mudaram-se para Londres para fugir da cultura brasileira!”

12 RAÇA E SIGNIFICADOS CONTESTADOS DE IDENTIDADE BRASILEIRA

Vale a pena voltar aos comentários de Caio sobre não “se sentir” brasileiro. Qual é a “cultura brasileira” com a qual Caio não se identifica? Muitas vezes os brasileiros do Sul não são considerados como brasileiros “reais”. Schommer (2012) escreve:

Nos arredores rurais de Caxias do Sul, ou mesmo ainda na cidade, os descendentes de imigrantes italianos autodenominam-se e são denominados pelos não italo-descendentes como “gringos”, ou simplesmente “italianos”. Para marcar a alteridade, chamam os luso-descendentes de “brasileiros”. Ali perto, em Santa Cruz do Sul, o teuto-descendente, aparentemente em maioria, é identificado rotineiramente como “alemão”. O outro é “pelo-duro”, expressão vista como depreciativa por ambos os grupos étnicos, ou também “brasileiro” (SHOMMER, 2012, p.110).

Em Londres, presenciei uma conversa entre um baiano e um curitibano. O curitibano argumentava que, em muitos aspectos, o Brasil é melhor que Londres. O baiano o interrogou e falou: “Mas você é de Curitiba! Isso não é o Brasil!”. Considere a descrição de Caio da cidade em que ele cresceu: “Londrina é uma cidade europeia... As pessoas são todas europeias ... italiano, espanhol ... Você sabe, a cultura é diferente. Se você vai para o Nordeste, a cultura é muito diferente”.

Existem, então, claras conotações raciais no discurso de alguns dos migrantes, mesmo que não necessariamente explicitadas. O mais perto que meus entrevistados chegaram de falar sobre essa divisão social em termos de raça veio de Laura, 30 anos, que comentou que ela raramente ia a clubes ou festas brasileiras. Quando eu perguntei por que não, ela respondeu: “Eu não gosto, vou parecer um pouco racista, não racista, mas muitos dos brasileiros aqui não são realmente o meu tipo de brasileiro... se você vai para uma festa brasileira, por exemplo, é como gente que vem aqui sem documentos, sem coisas e eles vêm para tentar apoiar a família, então é uma realidade diferente da minha”.

Parece, então, que o discurso em torno do distanciamento muitas vezes tem um elemento racial. Assim, para alguns, negar uma identidade brasileira torna-se uma forma de se distanciar de uma ideia radicalizada do migrante brasileiro típico como pobre, sem documentos e subalterno. Certamente, há alguns brasileiros brancos que negam sua identidade brasileira para “passar” por europeus. Em mais de uma ocasião, os entrevistados me informaram que eles usariam seus passaportes da UE como um meio de “esconder” o fato de que eram brasileiros na hora de se candidatar a empregos ou em determinados encontros sociais. Isto pode ser porque alguns brasileiros acham que sua nacionalidade pode ser uma barreira para alcançar um status social mais elevado em Londres, como foi relatado por Tara. Pesquisadores de estilo de vida, como Lundström (2017, p.84), escreveram sobre o conceito de “capital branco” no contexto da migração, mas vale a pena notar que ela afirma que os sul-americanos brancos não se beneficiam como resultado disso. Ademais, embora haja um estereótipo de que a classe B são “Branços” e a classe C “não brancos”, conforme Caldeira (2000) aponta, esses estereótipos, muitas vezes, não se refletem na realidade. A pesquisa dela sobre o crime em São Paulo mostrou que, embora seus entrevistados fossem rápidos em associar pessoas do Norte com morenos esfolados, pobres e sujeitos à criminalidade, muitos deles relataram que, muitas vezes, foram vítimas de crimes cometidos por brancos. Parece, então, que a razão para esta ênfase no social (e por implicação, racial e regional) reside no fato de que, frequentemente, as divisões de status tornam-se confusas em Londres. Muitos brasileiros, independente de raça ou região, muitas vezes, acabam trabalhando lado a lado em setores de empregos não qualificados e, conforme observado anteriormente por Margolis (2013), são frequentemente vistos por outros como uma “massa indiferenciada”. Caio ocupa um espaço liminar neste sentido. Embora ele tenha enfatizado as razões culturais para sua migração, é importante notar que ele

não era proficiente o suficiente para conduzir a entrevista em inglês e trabalhou em uma ocupação não qualificada de faxineiro (ao lado de brasileiros de outros estados) apesar de vir de uma origem de classe média no Brasil. É talvez por causa desses fatores que Caio fez questão de enfatizar a diferença entre sua própria perspectiva e motivações para migrar e as do migrante brasileiro “típico”. Além disso, a ocupação de Laura, uma estilista de moda, não requeria um alto nível de proficiência em inglês e não exigia quaisquer qualificações formais, o que significa que ela foi capaz de manter sua carreira e, assim, preservar de forma mais eficaz o status social original com menos problemas que Caio. No entanto, também é importante notar que há uma outra entrevistada, Catarina, 33, profissional de marketing digital, que relatou sempre se sentir alienada da cultura brasileira. Ela era de São Paulo e de ascendência mestiça. Ao contrário de Caio, mas como a Laura, não houve uma “mudança para baixo” em seu status social, tendo conseguido garantir um emprego equivalente no mesmo campo em que ela tinha trabalhado em São Paulo. Foi sua habilidade preexistente na língua inglesa que talvez tenha garantido isso.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo defendeu a migração da classe média brasileira para Londres como um exemplo de migração por estilo de vida de “Sul para Norte”, um dos fluxos migratórios que foram negligenciados na literatura de migração por estilo de vida. É importante expandir a categoria de migração por estilo de vida para incluir casos do Norte para o Sul. O surgimento de uma divisão de classe global se estende além das fronteiras, e o status e motivações de migração da classe média dos países do Sul Global requerem uma compreensão de suas mobilidades, o que não restringe a classificação de seu movimento com base exclusivamente no status de seu país original. Há uma tendência de se enquadrar todas as migrações voluntárias do Sul Global para o Norte Global como motivadas por razões econômicas. Em vez disso, este artigo propôs que a classe social, e não a origem nacional, poderia ser um determinante de maior peso contribuindo para incluí-lo na categoria de “migrante por estilo de vida”. O artigo argumentou que alguns migrantes brasileiros de classe média devem ser considerados “migrantes por estilo de vida”, tal como este termo é usado na literatura. Isso com base em características compartilhadas como as motivações para migrar, identidade como migrante e perspectiva ideológica. Especificamente, uma ideologia de individualismo é muitas vezes enfatizada na literatura sobre migração por estilo de vida. Isso é importante porque descobrimos que uma perspectiva ideológica individualista também existe no discurso de muitos migrantes brasileiros de classe média para Londres. Além disso, o artigo explorou os temas subjacentes que ajudam a iluminar como a categoria de “migrante por estilo de vida” como “prática” (Kunz, 2016) é usada por brasileiros que moram em Londres. No processo da pesquisa, revelou-se como a situação difere dos migrantes por estilo

de vida do Norte Global. O discurso em torno do termo “migrante econômico”, associado com imagens negativas, combinado com a presença dos migrantes brasileiros que podem ter migrado por razões econômicas mais tangíveis, significa que aqueles brasileiros que se consideram migrantes por estilo de vida buscam diferenciar-se desses estereótipos negativos. Buscou-se explorar a ideia de que um desejo individualista de “quase-anonimato” e “mobilidade”, em termos não apenas de liberdade de movimento, mas também de mobilidade de identidade, era, muitas vezes, confrontado com estereótipos exotizados de alteridade pela via de encontros com outros habitantes da cidade. Portanto, há a negação de uma identidade coletiva em favor de uma identidade mais cosmopolita. Esse individualismo é mobilizado por muitos migrantes brasileiros de classe média para distinguir suas situações das de seus compatriotas “transnacionais”.

Isso pode ser interpretado como um meio pelo qual muitos procuram se distanciar, a partir de identificações mais amplas, do “típico migrante econômico” e, portanto, subalterno. Dentro da realidade social percebida pelos migrantes brasileiros de classe média, ou seja, na realidade de seus discursos, eles contrastam sua atitude cosmopolita nas suas experiências de migração com o que eles enquadram como o Brasil “transnacional” de classe baixa. Uma vez em Londres, não é necessariamente possível distinguir as diferenças por ocupação, porque muitos trabalharão lado a lado, pelo menos no começo. Assim, gostos e práticas culturais aparecem em destaque no discurso de muitos migrantes brasileiros por estilo de vida. Este é especialmente o caso daqueles que ocupam uma posição liminar em termos de como seu status social pode ser visto por outros em Londres.

Como vimos, um discurso de alteridade pode ser racializado. Demograficamente, há uma correlação clara entre classe social e raça no Brasil. No entanto, também não é tão fácil defender claramente a migração de estilo de vida como ambígua em relação à migração “branca”. Na verdade, devemos ter cuidado para não associar muito a migração por estilo de vida com “brancura”. Caso contrário, nos deparamos com uma conclusão desconfortável de que qualquer migração privilegiada de classe média dos outros países do “Sul Global” não seria migração por estilo de vida. Martes (2011) afirma que a classe social é mais importante do que a origem nacional quando se trata de questões de identidade, motivações para a migração e comportamento do imigrante. Parece que ela pode ter razão porque a característica mais notável dos vários grupos de migrantes discutidos neste artigo não é se eles são de países desenvolvidos ou em desenvolvimento, mas, sim, que todos eles são membros de uma classe socioeconômica amplamente global. Isso se refere a um conceito de globalização, criando uma divisão de classes que se estende além das fronteiras nacionais, de um interior e exterior para Capital que é limitado por classe.

Finalmente, é importante reconhecer a posição de investigador. É possível que as respostas de alguns entrevistados sejam afetadas pelo fato de estarem sendo entrevistados por um pesquisador britânico. Isso pode ter levado alguns a

enfatarem demais seu distanciamento em relação à comunidade transnacional de brasileiros em Londres. Ao contrário, procuraram se situar mais perto daquilo que eles percebem como sendo a posição do pesquisador dentro da estrutura social de Londres. Na verdade, isso está relacionado ao fato de que a posição deles como migrantes por estilo de vida em Londres os distingue de outros tipos de migrantes por estilo de vida, conforme aparecem na literatura. Para voltar a Benson e ao trabalho de Reilly (2018) em migrantes por estilo de vida no Panamá e na Malásia, os pesquisadores enfatizam que é o status de seus entrevistados como beneficiários ocidentais de um passado colonial que adotam uma lógica neoliberal para experimentar sua identidade e trajetória migratória como fortemente individualizada. Essa história colonial afeta a forma como são percebidos pelos membros dos países de destino. Esse fato liga a migração brasileira com a dos entrevistados de Benson e O'Reilly e, simultaneamente, a diferença. Historicamente, as desigualdades estruturais do Brasil são reproduzidas por meio de suas migrações para Londres, mas a diferença é que são as desigualdades estruturais do país de origem dos migrantes. Isso contrasta com as desigualdades exploradas por Benson e O'Reilly entre os países que colonizaram e aqueles que foram colonizados.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. **Modernity at large: cultural dimensions of globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- BENSON, M. A desire for difference: British lifestyle migration to southwest France. In M. BENSON, M & K O'REILLY, K. eds. **Lifestyle migration: expectations, aspirations, and experiences**. Farnham: Ashgate, 2009. pp. 121-35.
- BENSON, M. **The British in rural France: lifestyle migration and the ongoing quest for a better way of life**. Manchester: Manchester University Press, 2012.
- BENSON, M. The movement beyond (lifestyle) migration: mobile practices and the constitution of a better way of life. **Mobilities**, 6(2), 2011, pp.221-35.
- BENSON, M. & O'REILLY, K. Migration and the search for a better way of life: a critical exploration of lifestyle migration. **Sociological Review**, 57(4), 2009, pp.608-25.
- BENSON, M. & REILLY, K.O. **Lifestyle migration and colonial traces in Malaysia and Panama**. London: Palgrave Macmillan, 2018.
- BOOKCHIN, M. **The ecology of freedom: the emergence and dissolution of hierarchy**, AK Press, 1982.
- CALDEIRA, T. **City of walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo**. University of Oakland: California Press, 2000.
- CARLING, J. & JOLIVET, D. Exploring 12 migration corridors: rationale, methodology and overview. In O. Bakewell et al., eds. **Beyond networks: feedback in international migration**. London: Palgrave Macmillan, 2016, pp. 18-46.

- CLARK, W.A. V. & MAAS, R. Interpreting migration through the prism of reasons for moves. **Population, Space and Place**, 21(1), 2015, pp.54-67.
- COHEN, S.A. *et al.* Lifestyle mobilities: the crossroads of travel, leisure, and migration. **Mobilities**, 10(1), 2015, pp.155-72.
- CONRADSON, D. & LATHAM, A. The affective possibilities of London: antipodean transnationals and the overseas experience. **Mobilities**, 2(2), 2007, pp.231-54.
- DA MATTA, R. **Carnivals, rogues, and heroes**: interpretations of the Brazilian dilemma. L'institution Notre Dame (IND), USA: University of Notre Dame Press, 1991.
- DASHEFSKY, A. & LAZERWITZ, B. The role of religious identification in North American migration to Israel. **Journal of Scientific Study of Religion**, 22(3), 1983, pp.263-75.
- DELLA PERGOLA, S. On the differential frequency of western migration to Israel. **Studies in Contemporary Jewry**, 1, 1984, pp.292-315.
- DIAS, G.T. O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: a importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade. **Ponto Urbe**, 2009, pp.1-15.
- DUMONT, L. **Homo hierarchicus**: the caste system and its implications. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1970.
- EIMERMANN, M. Lifestyle migration to the North: Dutch families and the decision to move to rural Sweden. **Population, Space and Place**, 21(1), 2015, pp.68-85.
- EVANS, Y. *et al.* **Diversidade de oportunidades**: brasileiras no Reino Unido, 2013-2014. London, 2015. Grupo de Estudos Sobre Brasileiros no Reino Unido
- EVANS, Y. *et al.* **For a better life**: Brazilians in London, 2010. London, 2011. Grupo de Estudos Brasileiros no Reino Unido
- FLORIDA, R. **The rise of the creative class revisited**: 10th anniversary edition - revised and expanded. New York: Basic Books, 2012.
- FREYRE, G. **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1945.
- FREYRE, G. **The mansions and the shanties**: the making of modern Brazil. London: Alfred Knopf, 1968.
- GAY Y BLASCO, P. The fragility of cosmopolitanism: a biographical approach. **Social Anthropology**, 18(4), 2010 a, pp.403-9.
- GIDDENS, A. **Modernity and self-identity**: self and society in the late modern age. Oxford, UK: Polity Press, 1991.
- HALFACREE, K. A utopian imagination in migration's terra incognita? Acknowledging the non-economic worlds of migration decision-making. **Population, Space and Place**, 10(3), 2004, pp.239-53.
- HEATER, D.B. **World citizenship**: cosmopolitan thinking and its opponents. New York: Continuum, 2004.
- HOFSTEDE, G. **Culture's consequences**: comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations. Beverly Hills, CA: SAGE, 1980.

- HORST, C. *et al.* The impact of class on feedback mechanisms: Brazilian migration to Norway, Portugal and the United Kingdom. In O. Bakewell *et al.*, eds. **Beyond networks: feedback in international migration**. London: Palgrave Macmillan, 2016.
- IGARASHI, H. & SAITO, H. Cosmopolitanism as cultural capital: exploring the intersection of globalization, education and stratification. **Cultural Sociology**, 8(3), 2014, pp.222-39.
- KAMAKURA, W. & MAZZON, J. **Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017.
- KEARNEY, M. & BESERRA, B. Introduction: migration and identities, a class-based approach. **Latin American Perspectives**, 31(5), 2004, pp.3-14.
- KLEIN, C.H. *et al.* Naming Brazil's previously poor: "new middle class" as an economic, political, and experiential category. **Economic Anthropology**, 5(1), 2018, pp.83-95.
- KORPELA, M. Lifestyle of freedom? Individualism and lifestyle migration. In. MICHAELA, B. & OSBALDISTON, N. eds. **Understanding lifestyle migration: theoretical approaches to migration and the quest for a better way of life**. London, UK: Palgrave Macmillan, 2014, pp. 27-46.
- KRZYŻANOWSKI, M. & WODAK, R. Multiple identities, migration and belonging: 'voices of migrants'. In C. R. Caldas-Coulthard & R. Iedema, eds. **Identity troubles**. London: Palgrave Macmillan, 2008, pp. 95-119.
- KUNZ, S. Privileged mobilities: locating the expatriate in migration scholarship. **Geography Compass**, 10(3), 2016, pp.89-101.
- LEY, D. Transnational spaces and everyday lives. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 29(2), 2004, pp.151-64.
- LUNDSTRÖM, C. The white side of migration: reflections on race, citizenship and belonging in Sweden. **Nordic Journal of Migration Research**, 7(2), 2017, pp.79-88.
- MARGOLIS, M. **Goodbye Brazil: émigrés from the land of soccer and samba**. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 2013.
- MARTES, A. **New immigrants, new land: a study of Brazilians in Massachusetts**. Gainesville, FL: University of Florida Press, 2011.
- MARTINS JUNIOR, A. **Lives in motion: notebooks of an immigrant in London**. Helsingø: Whyte Tracks, 2014.
- MARTINS JUNIOR, A. **The production and negotiation of difference in a world on the move: Brazilian migration to London**. Goldsmiths University, 2017.
- MARTINS JUNIOR, A. & Dias, G. Imigração brasileira contemporânea: discursos e práticas de imigrantes brasileiros em Londres. **Análise Social**, 48(209), 2013, pp.810-32.
- MCCALLUM, C. Resisting Brazil: perspectives on local nationalisms in Salvador da Bahia. **Ethnos**, 61(3-4), 1996, pp.207-29.
- NERI, M.C. **Brazil's middle classes**. Rio de Janeiro, 2014.

- OLIVER, C. Imagined communitas: older migrants and aspirational mobility. In V. Amit, ed. **Going first class?** new approaches to privileged travel and movement. New York: Berghahn Books, 2007.
- OLWIG, K.F. Privileged travelers? migration narratives in families of middle-class Caribbean background. In V. Amit, ed. **Going first class?** new approaches to privileged travel and movement. New York: Berghahn Books, 2007.
- PORTES, A. & DEWIND, J. A cross-Atlantic dialogue: the progress of research and theory in the study of international migration. **International Migration Review**, 2004, 38(3), pp.828-51.
- PRADO, R. Small town, Brazil: heaven and hell of personalism. In D. Hess & R. Da Matta, eds. **The Brazilian puzzle:** culture on the borderlands of the western world. New York: Columbia University Press, 1995, pp. 59-84.
- SASSEN, S. **The global city:** New York, London, Tokyo. Princeton. NJ: Princeton University Press, 1991.
- SCHOMMER, A. **História do Brasil vira-lata:** as razões históricas da tradição autodepreciativa brasileira. Anajé: Casarão do Verbo, 2012.
- STEPHENS, N.M. *et al.* Choice as an act of meaning: the case of social class. **Journal of Personality and Social Psychology**, 93(5), 2007, pp.814-30.
- TORKINGTON, K. Defining lifestyle migration. Dos Algarves - **Revista da ESGHT/UAIG**, (19), 2010, pp.99-111.
- TORRESAN, A. A middle class besieged: Brazilians' motives to migrate. **Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, 17(1), 2012, pp.110-30.
- TORRESAN, A. How privileged are they? Middle-Class class Brazilian immigrants in Lisbon. In V. Amit, ed. **Going first class?** new approaches to privileged travel and movement. New York, NY: Berghahn Books, 2007.
- TRIANDIS, H. **Individualism & collectivism.** Boulder, CO: Westview Press, 1995.
- VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, 30(6), 2007.
- WARE, C. **Greenwich Village, 1920-1930.** Berkeley: University of California Press, 1935.
- WERBNER, P. Global pathways: working class cosmopolitans and the creation of transnational ethnic worlds. **Social Anthropology**, 7(1), 1999, pp.17-35.
- WILLIAMS, A.M. *et al.* The migration intentions of young adults in Europe: a comparative, multi-level analysis. **Population, Space and Place**, 24(1), 2018, p.e2123.
- WIMMER, A. & SCHILLER, N.G. Methodological nationalism, the social sciences, and the study of migration: an essay in historical epistemology. **International Migration Review**, 37(3), 2003, pp.576-610. >.
- ZABAN, H. City of go(I)d: spatial and cultural effects of high-status Jewish immigration from western countries on the Baka neighbourhood of Jerusalem. **Urban Studies**, 54(7), 2017.

ZABAN, H. Living in a bubble: enclaves of transnational Jewish immigrants from western countries in Jerusalem. **Journal of International Migration and Integration**, 16(4), 2015, pp.1003-1021.

RESUMO

Tradicionalmente, o estudo sobre a migração por estilo de vida concentrou-se na migração “do Norte para o Norte” ou “do Norte para o Sul”. Este artigo analisa a migração da classe média brasileira para Londres para argumentar que existem instâncias de movimento do Sul Global ao Norte Global, que devem ser classificadas como migração por estilo de vida. Isto é importante porque há uma tendência, nos estudos de migração, de classificar implicitamente toda migração voluntária do Sul para o Norte como “migração econômica”. O artigo compara as pesquisas sobre “os migrantes por estilo de vida” com os migrantes brasileiros da classe média em Londres. Analisa ainda a dicotomia entre os migrantes por estilo de vida e migrantes econômicos, operacionalizada no discurso dos migrantes brasileiros da classe média para demarcar sua situação em relação à de seus compatriotas “transnacionais” que, muitas vezes, eles tratam como “os outros”.

Palavras-chave: Brasil; classe; estilo de vida; Londres; migração

RESUMEN

Tradicionalmente, la investigación sobre la migración del estilo de vida se ha centrado en la migración de “Norte a Norte” o de “Norte a Sur”. Este artículo analiza la migración de la clase media brasileña a Londres, para argumentar que existen instancias de movimiento desde el Sur Global hacia el Norte Global, lo que debería ser clasificado como migración de estilo de vida. Esto es importante porque existe una tendencia en los estudios de migración a clasificar implícitamente toda la migración voluntaria del Sur al Norte como “migración económica”. El artículo compara la investigación sobre “migrantes de estilo de vida” con migrantes brasileños de clase media en Londres. El artículo continúa con el análisis de la dicotomía entre migrantes de estilo de vida y migrantes económicos operacionalizada en el discurso de los migrantes brasileños de clase media para demarcar su situación en relación a la de sus compatriotas “transnacionales” a quienes a menudo tratan como “los otros”.

Palabras-clave: Brasil; clase; estilo de vida; Londres; migración